

LEMBROU-SE de quando tinha doze ou treze anos, roubava cigarros ao avô, os dividia com o filho do caseiro e se estendiam ambos na relva, a fumar, vendo o céu de Setembro no intervalo das acácias. Sorriu ao repuxo do lago e aos bancos de azulejo que separavam o jardim do roseiral, e o Juiz de Instrução inclinou-se de imediato para a frente, de mãos espalmadas numa confusão de papéis:

— O quê?

— Não disse nada, são coisas antigas que me vêm à ideia, não ligue.

O avô em baixo, de casaco de verão, na cadeira de lona sob o guarda-sol desbotado, assente nos ladrilhos onde aos domingos, a seguir ao almoço, a família montava as mesas da canasta, e eles aqui, rente aos gladiolos, chupando beatas clandestinas com a caixa de fósforos da cozinha no bolso, assistindo ao leme do moinho que bailava para a direita e para a esquerda à procura do vento. Eles aqui, séculos depois, um a perguntar e outro a responder neste cubículo de polícia atulhado de processos (uma gabardine de criança pendurava-se de um prego), com um guarda na ombreira e um tubo de flúor a enovelar os olhos:

— Vamos começar o depoimento do princípio: na tarde em que deram cabo do engenheiro quantos é que vocês eram, conte lá.

Basta um mês nos calabouços da Judiciária, sem postigo e com a verruga de uma ampolazinha no tecto, e os dias e as noites transformam-se num único crepúsculo magoado que só o abrir da cela para as refeições ou as visitas

do subinspector interrompiam. Visitas e refeições quase sempre quando o Homem acabava de adormecer, dormia ou julgava dormir, e uma tosse, pegada à sua orelha, o desmoronava de susto: o almocinho, sócio, bom proveito, e já os gonzos fechados, um assobio longínquo, ninguém, o tabuleiro da sopa e do arroz no chão.

— Eu, por mim, aguento o que for preciso, disse o Juiz de Instrução a deslaçar o nó da gravata num cuidado de aranha. Até saber como fizeram o engenheiro em picado nem me mexo.

E não se mexia de facto, pequenino, calvo, escuro, peludo, à espera, a fumar os cigarros do meu avô enquanto o caseiro, pai dele, rapava arbustos abraçado a uma estátua de porcelana em equilíbrio num parapeito de pedra. Os edifícios desiguais da Rua Gomes Freire amontoavam-se por detrás do Magistrado: placas de advogados e de cabeleireiras, dentistas, papelarias, um ruído desalentado de tráfego, de cozinhas de restaurantes, de vozes. O Homem pensou. Quantos éramos realmente, quatro, cinco, seis, mesmo se eu quisesse bufar-lho a lâmpada acesa, espetada nos ossos da cabeça, confundiu-me o raciocínio e a memória. Recordava fragmentos, episódios desconexos, lembranças vagas que se soltavam e reapareciam, a Rua Padre Manuel da Nóbrega a descer do Areiro com os seus stands de automóveis japoneses, uma silhueta que caminhava depressa com um embrulhinho de confeitaria na mão. O Artista, que conduzia a furgoneta da Companhia do Gás, avisou. É ele, as metralhadoras checoslovacas saíram aos arrepelos de debaixo do banco, o Sacerdote, de óculos redondos de mica, latiu Agora, odor de cartuchos, fumo, gente a fugir, uma vitrine em estilhaços, a silhueta do embrulho amolecendo no passeio, o Estudante para o Artista, que encravava as mudanças, Acelerame essa merda, poça, e de imediato a Avenida de Roma, livrarias, discotecas, louceiros, estabelecimentos de pronto-a-vestir, a paz de pardais da tarde, a viagem tranquila, em silêncio, respeitadora dos semáforos, até ao celeiro de uma quinta de Odívelas, com mais armas e um sistema de rádio afogado na palha. Deve ter sido assim, era assim sempre, e por último o aperto de mão de despedida do religioso, Descansem que o contacto procuravos, quero cada um o mais quietinho possível na sua toca, para a semana que vem há novidades de certeza, e nisto a mulher do caseiro chamou o filho do roseiral, Zé, chega aqui um instan-

tinho, Zé, e o Juiz de Instrução, surdo, a bater a ponta da esfrográfica no polegar, levantou um dos telefones da mesinha ao seu lado, Previna-me a legítima que não sei a que horas volto hoje.

Devia ter sido assim, pensou o Homem com a espiral de arame da lâmpada fincada na testa, no nosso grupo de assalto nunca trabalhamos de outro modo: davam-nos a identificação da criatura e um prazo para terminar a empreitada, e nós, por turnos, confirmávamos horários, emendávamos diagramas, alterávamos percursos, discutíamos deserto de Marvila, em torno de um cinzeiro a transbordar. O Artista queria à viva força resolver o assunto na madrugada seguinte arrasando à bomba um quarteirão inteiro, o Sacerdote retinha-o a puxar-lhe a manga, Calma, calma, se ainda hoje não nos apanharam é porque preparamos as coisas com cuidado, e corridos dias lá surgiam as espingardas e um Honda roubado, Aprontem-se, meus filhos, é agora. Por uma ou duas vezes o Homem teve a certeza de que antes de principiarem a disparar, já de canos apoiados na janela do carro e as pinhas das granadas na algi-beira, o alvo os fitava com um pupila de láparo acochado, uma órbita de vidro de perdiz, e em tais noites não lograva dormir apesar dos calmantes, estendido de barriga para cima, atormentado de suores, a rever o vulto que caía à sua frente, o Sacerdote, de metralhadora no ombro, insultando o moribundo, Sacana sacana sacana, o Estudante a esmurrar a nuca do Artista, Pisa o pedal, caralho, praças e praças, o radar do aeroporto, descampados com ovelhas, um restaurante quase a roçar o alcatrão, e a Dona da Casa de Repouso Pára, onde é que queres ir agora, que maluquice, pára. O Juiz mostrou da secretária um caderno de almoço:

— Duzentas páginas de confidências da Organização, segredos, pulhices, vergonhas, desgraças, testemunhos. Só me falta a historiazinha completa pela sua boca.

Nem sequer se parece com a mãe, pensou o Homem a lembrar-se da mulher do caseiro que pedia ajuda ao avô para os estudos do filho, intimidada pelo peso dos reposteiros e a lucilação das casquinhas. A mãe, de carrapito a desfazer-se, que chamava aos gritos pelo Juiz de Instrução e lhe atirava com as socas de pau, beijando o anel do velho a chorar e a rir ao mesmo tempo, agradecida, e eles a fumarem escondido.

didos na relva, de nuca nos dedos, enquanto as criadas, de bata de cotim, espanejavam as saletas do primeiro andar. O moinho imobilizou-se numa suspeita de brisa e as pás deram em girar numa lentidão ferrugenta.

— De acordo com os depoimentos a base do seu grupo eram cinco incluindo um aluno do primeiro ano de Química, recitou o Juiz de Instrução a seguir uma lista de nomes com aparo: o universitário, um génio falhado, um padre que imagina que a revolução continua, a dona de uma casa de repouso, e você que não imagina nada mas caiu na asneira de se apaixonar pela madame. Suponho que não lhe interessam as fotografias desse envelope aí e é pena: os rapazes da Judiciária favoreceram-vos bastante, de face e de perfil, cada qual com o numerozinho da ordem por baixo. E quem diz fotografias diz nomes, idades, profissões, estado civil, sei lá que mais. Assim por alto posso contar-lhe, está aqui, o melhor que o Artista conseguiu foi viver oito meses à custa de uma senhora aleijada, professora no liceu de Oeiras. Contudo há uns pormenores que me intrigam, e em paga de explicações sem importância pode bem acontecer que o tribunal se comova: os Delegados do Ministério Público são do mais sentimental que há.

Mentira, pensou o Homem, quer enfiar-me o barrete do costume dos retratos forjados e da bondade dos acusadores, não sabe de nada, anda a chuchar comigo: a essa hora, que ignorava qual fosse por lhe proibirem os relógios, o Artista montava decerto uma das suas colagens horrorosas no segundo andar da Calçada dos Mestres, cercado pelo fedor das brochas, dos diluentes, das bisnagas, o Estudante, no apartamentozinho de varandas amarelas da Estrada das Laranjeiras, conversava ao telefone com uma amiga médica a olhar as girafas do Jardim Zoológico, de pescoços erguidos muito acima dos plátanos, a Dona da Casa de Repouso somava despesas no escritório, o Sacerdote, de língua ao canto da boca, preparava uma mensagem em código ou atravessava a ponte a encontrar-se com um colega de seminário numa vivenda da Cova da Piedade obscurecida pelos vapores das fábricas, que desaguam no rio num silêncio de pântano.

— Curioso? perguntou amavelmente o Juiz a estender-lhe o envelope. Os prédios da Rua Gomes Freire resumiam-se a quadrados de janelas acesas onde inquilinos de pijama contemplavam as ambulâncias da noite.

Não lhe vou pegar, decidiu o Homem, preveniram-me centenas e centenas de vezes acerca deste estilo de ofertas e promessas, da simpatia postiza dos polícias, dos pontapés amáveis, dos cassetetes ternos, dos bofetões atirados com alma num sorrizinho de estima. Ao primeiro sinal de fraqueza, ensinara-lhe o Bancário, há anos, numa praia deserta da Costa de Caparica, com as ondas a quebrarem para além das dunas e cachorros amarelos vadiando na areia, caem-te em cima, filam-te o pescoço e estás feito, e o que ocorria ao Homem, ao escutá-lo, era que se um barqueiro de acaso ou um bando de adolescentes os visse, assim colados um ao outro, de dorso apoiado numa espinha de raízes, numa área em que os homossexuais se esfregavam de cremes e se beijavam no Verão, cuidaria tropeçar num casalinho de maricas a arrulhar namoros.

— Uma espreitadela, ao menos? insistiu o Juiz de Instrução a agitar o envelope. Garanto-lhe que fica pasmado com o que vai aí.

Em Novembro o vento do mar assopra paralelo às ondas, disse-se o Homem, esquecido do Juiz, a recordar o Bancário que desenhava espirais com um pedaço de cana didáctica, indiferente aos albatrozes, às gaivotas e ao que pudesse supor o único operário, empoleirado em sacos de cimento, de um bar em construção. Entrara para o Movimento desde o início, numa confiança absurda impermeável a dúvidas e críticas. Era manso, sério, pausado, e calçava sapatos amassados, comidos pelos vermes, que pareciam de defunto com vários meses de caixão. Nas pausas de descontar cheques ocupava-se da formação teórica dos grupos de assalto, a que dedicava um escrúpulo minucioso de mestra de noviças, com o missal das epístolas de Stáline na mão.

— Desde o início do interrogatório, suspirou o Homem sem convicção nenhuma, que repito que sou chefe de secção numa companhia de seguros. Trabalho oito horas por dia, moro em casa da família, faço a escrita de uma firma porque ganho mal, não me sobeja tempo para me meter em políticas. E quando descobrirem isto e me soltarem quem tem um processo às costas são vocês.

Pois, mas quem mora na cave lá em baixo sou eu, pensou: uma cela chapeada, as bossas do colchão, o lavatório de bonecas, o balde das necessidades e a lâmpada que me azeda nas pálpebras uma gotinha de luz. Se me

aproximo da porta não ouço nem um passo, uma respiração, uma tosse, uma conversa, e no entanto é um corredor de jaulas que presumo mais ou menos como a minha, cada qual com o seu revolucionário preso, tentado a desistir do internacionalismo proletário. Quem sabe se o Bancário não habita uma delas, a ensinar à Judiciária os seus truques de guerrilha, quem sabe se um tubarão do Comité Coordenador, farto de perguntas de polícias, não deu o meu nome, o nome do Artista, mais nomes, a fim de poder dormir sem um empurrão nos rins a acordá-lo, Mexe-te que como o Juiz não tem nada que fazer quer tagarelar contigo um niquinho, dormir sem ampola, no escuro, pesados sonhos de cisterna desprovidos de memória e de futuro. Uma tarde o Homem e o filho do caseiro, então pequenos, desceram pelos degraus de ferro até às lagartixas e aos limos secos do fundo do poço, e tudo o que avistaram foi uma cobra riscada agitando-se nos tijolos em busca de uma fenda onde escapar-se, e no alto, à medida que a claridade crescia, um círculo perfeito de azul incandescente que nenhuma nuvem cruzava.

Bateram à porta, o Juiz de Instrução disse Entre, e era o jantar do Meritíssimo que um guarda, enredado em pedidos de licença, pousou num ângulo da secretária com precauções respeitadas: frango e batatas coradas, pão, uma maçã, uma garrafinha de vinho, E tudo isto por sua causa, repare, lamentou-se o Juiz a dissecar sem apetite a pele do frango e a tentar esmagar a cobra com a sola, um rasgo de compreensão e já você estava soltíssimo, amigo, a fumar os cigarros do seu avô debaixo de uma estátua de louça.

E o Homem lembrou-se que um dos primeiros serviços que lhes couberam, após quinze dias de treinos sumários em Almoçageme, comandados por um líbio de turbante, fora um camarada saído da cadeia na semana anterior, um ruivo palavroso e inquieto sempre com nervosismos, sempre com hesitações, sempre com dúvidas, e que o Sacerdote afirmava que a Brigada Anti-Terrorista protegia a troca de umas dicas sobre proveniência de dólares. Prepararam o trabalho de Fevereiro a Maio, a vigiar as idas e vindas do sujeito, encafuado numa moradiazita do interior de Carcavelos, longe do mar, com um cão minúsculo a guinchar ao portão e moitas de flores desgrenhadas de ambos os lados de uma passadeira de cascalho. Agachados numa camioneta de mudanças observaram, de esferográfica em riste, o leiteiro, o padeiro, os hábitos dos vizinhos,

os escravos em farrapos que compunham as fissuras do alcatrão dirigidos por um capataz de boné, o instante em que a luz da sala se apagava, os murmúrios desconhecidos das trevas. Pilharam-no finalmente às oito e meia da manhã, seguido do animalzinho horroroso, a trinta metros do quiosque dos jornais, varreram-no à bala atingindo no peito duas ciganas crianças e rebolaram a buzinar, por travessas de sentidos proibidos, até distinguirem a coroa exasperada das gaivotas e a muralha da Marginal que o rio pulava em leque nas ânsias de janeiro. O Homem vomitou a tarde inteira, a agonizar de febre numa quinta de Loures, com a imagem do corpo abatido do ruivo na cabeça, enrugado e inerte como o dos bichos pequenos que as auto-estradas esmagam, e as cigantitas tentando debandar em lágrimas para longe da pólvora. As miúdas acabaram por escorregar ao comprido das fachadas junto a uma loja de ourives em pedaços, e o Artista animava-o com brandis e precedentes históricos, Aqui não se brinca, rapaz, quando se trata de libertar o nosso povo há sempre um ou outro inocente que a maré arrasta. Tornou a Benfica a pensar em desistir, a pensar Não aguento, não tenho estofo, não consigo. Era domingo, todos os primos e todas as criadas tinham saído, os espelhos dos armários da roupa reflectiam, no silêncio, a sua palidez alarmada. Apeteci-lhe telefonar mas não sabia a quem, abriu as portadas da sala e no jardim o graveto estavala sob os pés, deitou-se na relva e fumou sozinho porque se chamasse o filho do caseiro não haveria resposta: há séculos que se falavam pouco e mal, um aperto de mão, uma palmada nas costas, andas mais magro e adeusinho, se calhava encontrá-lo, na quinta, de visita aos pais. O amigo casara, usava gravatas pomposas e habitava um apartamento em Miratejo, mas o gosto do tabaco solitário era diferente e amargo e foi a derradeira vez que o Juiz, de calções e unhas sujas, lhe fez falta. Ainda vagueou pelos canteiros, se debruçou para o lago dos peixes a escutar os nenúfares, desfolhou a buganvília do caramanchão, e lá estava o poço com o moinho por cima e a grande pá de alumínio enferrujado que desaprendera o vento.

— No mês passado descí ao poço sem ti, disse ele, em tom de censura, ao Juiz de Instrução que descascava a maçã e introduzia os pedaços na boca com a ponta da faca. Encontrei a cobra podre, às manchinhas, numa greta da terra.

O Magistrado acabou a maçã, cuspiu uma pevide, empurrou o prato, e o Homem notou-lhe a ilha mais clara, de cabelo ralo, no topo do crânio, que alastrava para a testa numa nódoa escamosa de pele: qualquer dia faria a risca na orelha, com imensa brilhantina, a disfarçar.

— Asseguramos-lhe uma ajuda eficaz e o senhor fornece-nos uma dúzia de esclarecimentos de cacaracá, negociou o Juiz, alheio ao poço, a agitar um paliteiro transparente. E quando falo em ajuda falo em atiradores especiais, uma nova identidade, uma cirurgia plástica, um subsídio mensal, uma viagenzinha discreta ao estrangeiro. Existem cidades no Brasil, por exemplo, que nem aparecem no mapa. E repare que não lhe peço que denuncie seja quem for, não sou desses: apenas umas confirmações de datas, de locais de reunião, de papelada clandestina, cartas, diários, circulares, apenas declarar que sim ou não reconhece esta ou aquela letra. Tudo impessoal, tudo anodino tudo descomprometido, como vê. E acaba-se o pesadelo do calabouço, e acabam-se os guardas, e acaba-se a polícia, e acaba-se para alívio seu e meu esta investigação chatíssima.

E no entanto quando o filho, já de unhas limpas, ingressou no Centro de Estudos Judiciários a aprender a condenar, o caseiro continuou a ocupar-se das flores e dos legumes da horta, e a mulher, escarranchada num banco, a depenar as galinhas dos patrões no pátio da cozinha, submersa em penas que esvoaçavam, subiam e desciam, peludas e brancas, como se desventrasse um edredão. O caseiro continuava a sachar e a montar na quinta armadilhas de mola para os pássaros que lhe roíam os figos e estragavam as cerejas e as pêras, aves miúdas, tirando os melros, estranguladas no arame e espalhadas na base dos troncos, destinadas ao apetite das formigas. O filho juiz e a mãe, inteiriçada de acanhamento, a levantar-se à passagem do Homem que reprovava ano atrás de ano as disciplinas do liceu, e entrara de paquete na companhia de seguros da família. A mulher a baixar a voz, a cumprimentar Olá menino, a cheirar aos eucaliptos e ao granito das aldeias sem destino da Beira de onde vinha, a morar numa casita entre a estufa e a jaula dos cães, engastada no muro com fragmentos de vidro colorido no gume, um par de divisões de móveis podres, penumbra, o oval súbito de um espelho, um fogão numa laje, camas moribundas porque havia mais filhos, duas raparigas descalças e um rapaz

ajudante de mecânico, encerrado numa zanga perpétua entre as sobranceiras enormes. Aos feriados o caseiro dormia numa cesta de verga, na fresca da latada, com um rafeira amarelenta aos pés, um animal melancólico e sem graça, de orelhas tristes, a sacudir as moscas de outubro com a cauda. O guarda veio buscar o tabuleiro e levou-o como se transportasse uma relíquia, chocalhando louças. O Juiz de Instrução seguia da janela o crepúsculo que aumentava a cidade:

— Não acha uma ajuda generosa? perguntou ele de costas para o Homem, oferecendo-lhe, sob o fato, as omoplatas magras de anjo inacabado. Neste momento do processo não há praticamente nada que eu não saiba, e ao terminar a confissão dos seus compinchas prepare-se para uns dez aninhos, no mínimo, a encardernar livros na oficina da cadeia. Talvez nem seja mau, olhe, pelo menos ganha um officio que é coisa que nunca lhe sucedeu na vida.

A latada, reverberando folhas, prolongava-se pela quinta na direcção do chiqueiro dos porcos e da cabana dos ancinhos, com tesouras, foices e pás arrumadas nos seus ganchos e um cone de batatas a grelar no chão. De um lado do muro um saguim preso a uma corrente admirava os próprios dedos com as pupilas atribuladas dos doentes do fígado, e do outro escutavam-se a qualquer hora, de uma varanda a que ninguém assomava, os acordes errados de uma lição de violino a tactear na pauta. A sogra do caseiro, de preto viúvo, costurava camisas num degrau.

— Umhas datas, uns locais, umas explicaçõezinhas que não valem nada, disse o Juiz, e na semana seguinte instalamo-lo no Brasil com uma mulata em cada braço.

Acendeu um candeeiro e a luz acentuou-lhe as rugas, cavou os ossos do queixo, aumentou a fealdade da gravata, revelou um lanho da barba e um tique que contraía os músculos da boca, repuxados pelo espasmo de um tendão. O brilho dos óculos impedia o Homem de decifrar a sinceridade das promessas, da mesma forma que as ordens e os palavrões do Sacerdote, moído de bicho carpinteiro se partiam para um alvo, escondiam a ansiedade e o medo, os cinco acotovelando-se, zangando-se, sobressaltando-se no automóvel furtado enquanto o traidor da classe operária não chegava, E se por acaso, supõe, aconteceu alguma coisa e o cabrão não se mostra?

Acendeu o candeeiro e não restavam na sua cara vestígios do passado nem semelhanças com o que o Homem recordava do pai ou da mãe dele, a cor do cabelo e dos olhos, os gestos de furão, o formato dos malaras. Nenhuma parecença com aqueles escravos brutos e submissos, talhados na província em volfrâmio, cactos, fome e plátanos de inverno, com quem o avô conversava às vezes, numa bonomia de marquês, para se inteirar da febre das acácias. Apenas as lentes sérias à espera e uma caneta a balouçar nos dedinhos agudos:

— Então?

Pode ser que o Artista esteja preso, pensou o Homem, o Sacerdote vigiado, a Dona da Casa de Repouso a esvaziar a carteira na esquadra do Beato, o Estudante, na Estrada das Laranjeiras, com dois secretas a vasculharem-lhe as gavetas ou a pasmarem perante a inocência dos lençóis com o Snoopy estampado, porque até a vanguarda do proletariado tem direito à infância e a ver as girafas e os mandris entre a roupa a secar da varanda e as árvores em bico de aparo que acenam do céu. Pode ser que do Comité Executivo houvessem segredado É aquele e aquele e aquele, e sobrassem por milagre três ou quatro operacionais a fugir à boleia, Alentejo fora, a caminho de Espanha, ou a cruzarem, escorregando nas balsas, as estevas da fronteira, apavorados pelo restolhar de um coelho, à cata da navalha luarenta do rio. Mas mesmo que assim fosse os orangotangos da Interpol haveriam de farejar, beco por beco, os bairros de lata de Paris, e com a ladroeira da CEE nem na chuva da Bélgica se escapa à extradição, enxotado para o aeroporto num torvelinho de agentes, tudo afinal tão fácil como a morte das ciganas meninas que trotavam, desesperadas de pânico, na manhã de Carcavelos, por travessas e travessas sem gaiotas, afastadas do mar.

— Conheço um sítio em Carcavelos onde não se sentem as ondas, disse o Homem de repente.

— Como? interessou-se o Juiz a aumentar sorriso, e o Homem pensou Tem-me na mão, começa a aperceber-se que me tem na mão, e daqui para a frente é só espremer um bocadinho e com cuidado e ver o pus sair.

— Nem o cheiro, nem a sombra, nem o reflexo do mar, pormenorizou o Homem, é como se estivessemos na mortalha de uma aldeia da serra, povoada de ausências e de fantasmas mouros.

Caminhos difíceis, amoreiras, túmulos antigos, cabras a lamberem musgo de penhascos, uma parede de castelo, galinhas que engoliam ciscos no adro da igreja: os lábios do Juiz de Instrução, macerados pelo metal do candeeiro, arredondavam-se na aresta das bochechas:

— Onde? perguntou ele à procura da borracha nos papéis da secretária. Calcule, veja lá, que fiquei com uma paixão especial por Carcavelos. Não foi onde há uns meses morreram um ministro e umas pedintes quaisquer?

Acabar de olear culatras num pinhal, antes da aurora, sob nuvens cor de farda e uma brisazinha cruel, os cinco (ou seis? ou sete?) à roda de um pano, sobre a caruma, em que as armas jaziam, com um restolho de pássaros cantando pelas copas e o Ford, sacado de véspera, a aguardá-los numa vereda de silvas. Acabar com a tensão da espera antes de sair, derrapandô numa estrada secundária, a dividir as munições de um caixote: o Sacerdote a medir o tempo, de olho preocupado no relógio, o Artista que urinava a assobiar, desviado uns metros de nós, o Estudante a encher de cartuchos as algibeiras do casaco. Acabar com o terror, com as diarreias, com as sacudidelas no peito, com o bigode que se rapa e se deixa crescer, com o penteado que se muda, com as madeixas que se tingem, com estes ridículos disfarces de teatro. Cessar de espiar pelas cortinas, de caminhar lento, de palma no revólver, para o supermercado das compras, de tremer se a campainha toca, de pular se o soa-lho range, de pousar uma granada ao lado do copo de água para o mal dormir da noite. Livrar-se do jazigo da cela, no termo de um complicado trajecto de túneis e degraus e tão silencioso e ameaçador como a seguir aos tiros, da verruga da ampolazinha que o perseguia como o retrato do magistrado-bebé na saleta do caseiro, de janela voltada para um repuxo de magnólias que exalavam, o açúcar sem alma dos finados.

— Importa-se que chame um agente? perguntou o Juiz de Instrução a esticar-se sobre a mesa, a derrubar uma moldura, a levantar o telefone. Trata-se de solucionar um problema prático: eu tenho o raio de uma letra que ninguém entende, levam-me eternidades a decifrar os gatafunhos. E quarta ou quinta-feira você aterrada em São Paulo, de calcinha branca, panamá e camisa estampada, com uma sambista na sua cama do hotel.

Não faz mal confessar-me porque estão todos presos, o Sacerdote, o Estudante, o Artista, a Dona da Casa de Repouso, o Bancário, metidos em diferentes buracos pelo país fora, sem direito a visitas, por denúncia do controlador dos grupos de assalto, agora na Suíça com uma pensão do Estado. Todos presos, pensou o Homem à medida que o agente retirava uma máquina de escrever do estojo, procurava uma cadeira, introduzia uma folha no rolo, olhava o Juiz, de mãos suspensas, como um pianista, a vibrar as asas da labita, olha o maestro, ansioso pelo sinal da entrada. Era um sujeito frágil, de roupas modestas, um polícia sem aspecto de polícia, um desses colecionadores miúdos de gafanhotos e de selos, um infeliz amanuense judiciário que os colegas tiranizam. Todos presos, pensou o Homem, a discursarem em gabinetes assim para juizes e dactilógrafos assim, a separarem fotografias, a elucidarem detalhes, a afirmarem, a negarem, a aceitarem um brandi, a dizem que não senhor, não era no Algarve que o barco de pesca marroquino despejava a dinamite e as bazucas, era na costa de Espanha e cruzavam a fronteira em camionetas de transporte de electrodomésticos e de gado. Todos presos a acusarem-me, triunfais, furibundos, desorbitados, pensou o Homem, Foi ele sozinho que fuzilou as ciganas, que escavacou o ministro, que executou o ruivo, encaixava a arma no ombro, ordenava-nos Não disparem e limpava as avenidas à bala, se pudesse pendurava os escalpes do cinto e acabava os moribundos à facada. Uma vez cuspiu-me na cara sem motivo nenhum, revelou o Artista, e os outros É verdade, Quis violar-me numas moitas, queixou-se a Dona da Casa de Repouso, chamou-me nomes, rasgou-me o vestido, olhe, Desrespeitava a hierarquia, ladrou o Sacerdote, não obedecia aos chefes, perdeu a noção da ética marxista, e o Bancário Uma tarde, no Guincho, tentou dar cabo do último surfista para afinar a pontaria, que me desse conta nunca lhe descobri sentimentos nenhuns, tínhamos aprontado um plano, com o auxílio dos camaradas bascos para nos livrarmos dele. Ao puxar os cigarros do avô do bolso dos calções o céu permanecia azul sobre as acácias, e o Homem sorriu ao repuxo do lago com as suas enguias transparentes e os seus lótus decompostos, e aos bancos de azulejo do jardim:

— Vou contar-te uma coisa que ficou de boca aberta três dias, disse ele ao Juiz de Instrução que limpava os óculos com um paninho e o mirava, desprotegido das

lentes, com a expressão nua e sofrida das crianças de província, sentadas na palha, aos domingos, entre barros de feira e lamúrias de leitões. Apesar das fumaças na relva, das correrias pela quinta e das indigestões de fruta verde nunca gostei de ti.

O avô em baixo, na cadeira de lona sob o guarda-sol desbotado, tingia-se do humor dos agapantos. A mulher do caseiro gritava da latada pelo filho juiz, que desagrafou o colete em gestos murmurados e ergueu a mão fininha, de dentro do punho da camisa, a recusar o tabaco. O pianista da máquina de escrever experimentou com o anelar a tecla de uma nota, e os lábios do Meritíssimo torceram-se de banda na careta do pai, quando decepava as roseiras que maltratavam de espinhos as estátuas de louça do jardim:

— E eu, em paga, ofereço-te um segredo ainda mais secreto, disse ele a repor com cautela o metal da armação nas orelhas. Nem calculas o que gastei de banha a untar as escadas do poço, na esperança de te ver cair.